

Domingo IV do Tempo Comum - ano A

– 29 de janeiro de 2023 –

1 – O cristianismo, mais que um emaranhado de normas, de leis, costumes e tradições, é um encontro. No dizer do Papa Bento XVI, a fé começa a partir do encontro com Jesus. *"No início do ser cristão não há uma decisão ética, ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo"* (*Deus caritas est*, 1).

É este encontro que nos converte, nos mobiliza e nos compromete com os Seus desígnios de ternura, de perdão e de fraternidade. O encontro com Jesus faz germinar a fé, torna-nos capazes de acolher Deus e o Seu amor. É um encontro que gera vida, que porta a Boa Nova da salvação, que se concretiza no amor, ligando-nos, em simultâneo a Deus, de Quem nos vem a vida e o amor, e ao nosso semelhante, sujeito que nos permite responder ao amor de Deus, amando e servindo.

Amar implica desejo de identificação. Os enamorados criam uma linguagem própria, tiques que só eles compreendem, tendem a ter gostos semelhantes, a querer ver os mesmos filmes e a ouvir as mesmas músicas, a aprimorarem o paladar para gostarem das mesmas comidas. Sendo essencial que preservem a identidade, é natural que, quem ama, procure gostar do que o outro gosta e partilhar os seus gostos; os amigos de um (quase sempre) acabam por ser amigos do outro. É assim que respondemos ao amor de Deus, procurando amar os Seus projetos e aqueles que Ele ama.

A fé faz-nos acreditar, amar e seguir Jesus Cristo, procurando em tudo sermos-Lhe agradáveis e prestáveis, imitando-O, assumindo os Seus gestos, a Sua postura de vida, os Seus tiques, assumindo as Suas feições.

2 – Para O seguirmos temos de estar perto d'Ele, prestar atenção ao que nos diz, perceber o Seu olhar em diferentes situações, saber de cor os passos que Ele dá ou daria se estivesse no nosso lugar. Subimos com Ele à montanha, para escutarmos o Seu sermão, deixando-nos arrebatados pelos desafios que nos lança.

O Mestre dos Mestres quer que a vida seja abundância e nada nos distraia do serviço e da caridade, nada nos distraia dos outros a quem devemos auxílio, ajuda e amor.

O Sermão da Montanha ambienta-se nas Bem-aventuranças. Para alguns estudiosos, e talvez para São Mateus, é uma espécie de alternativa, melhor, substituição dos 10 Mandamentos. No alto da montanha, Moisés proclama a Lei dada por Deus ao Seu povo, Aliança que se firma (ou amadurece) entre Deus e o Povo Eleito. No alto da montanha, Jesus proclama a nova Lei de Deus para o Seu povo, uma nova Aliança, duradoura e definitiva. Ainda que seja assim, os 10 Mandamentos continuam a ser uma referência importante para os cristãos, uma ajuda, balizando ou iluminando o que mantém próximos da vontade de Deus. Porém, a Lei escrita em tábuas de pedra, em Cristo, inscreve-Se no Seu e no nosso coração. Ele é a própria Lei, a Palavra de Deus, em carne e osso... As bem-aventuranças mostram-nos abertura e compromisso, até ao limite. Na verdade, Ele fez-Se um de nós, gastando-Se totalmente para que tenhamos vida em abundância, para garantir que sabemos o caminho que nos faz irmãos e nos abre as portas da eternidade.

3 – Vale a pena ler e reler, e escutar, as palavras de Jesus: *«Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos Céus. Bem-aventurados os humildes, porque possuirão a terra. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus. Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos Céus. Bem-aventurados sereis, quando, por minha causa, vos insultarem, vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós. Alegrai-vos e exultai, porque é grande nos Céus a vossa recompensa»*.

Jesus não exalta a humildade, a pobreza, a injustiça ou a perseguição, como vitimização; não é um discurso a sancionar ou a apelar à miserabilidade, ou a incentivar a resignação. Não se trata de omissão ou demissão, mas de resiliência, luta, compromisso, fidelidade, amor aos outros como a si mesmo, amor ao jeito de Jesus. Ainda que seja preciso morrer para salvar, cuidar, reconciliar! São felizes os que não arranjam desculpas para fugir ou passar ao largo, são felizes os compassivos, os pacificadores, os que lutam pela justiça e pela paz, os que, mesmo com sacrifício, suor e lágrimas, estão prontos para ajudar o seu semelhante e a lutar com eles e por eles nas situações de adversidade. São felizes os que apostam na verdade e numa vida com honestidade, defendendo os mais indefesos, aqueles que não têm voz nem vez.

A humildade, a pobreza e a comoção resultam do amor a Deus, enquanto resposta, vivido e concretizado no amor aos outros. Quem ama (de coração) coloca o outro em primeiro lugar... daí a pobreza, pois se despoja para servir, expondo-se ao outro, com o que tem e com o que é. Por excelência, Jesus expõe-Se por inteiro, abdicando de qualquer prerrogativa divina, de qualquer poder; faz-Se pobre e dispõe-Se amar ao ponto de não reservar nada para Si, nem tempo, nem a própria vida (biológica).

"Concedei, Senhor nosso Deus, que Vos adoremos de todo o coração e amemos todos os homens com sincera caridade".

4 – Presunção e água benta cada um toma a que quer. Uma pessoa presunçosa, e mais facilmente são os outros do que nós, assim o pensamos, é uma pessoa fechada e focada em si. Quando sabemos tudo e temos para nós que não precisamos de ninguém e não temos mais nada a aprender, colocamo-nos numa posição de sobrançeria, orgulho, soberba que nos impede de reconhecer os outros no seu ser e no seu saber. No final, também deixaremos de precisar de Deus, pois nos bastamos a nós próprios.

Ao longo da história da humanidade, sempre que alguém se bastou a si mesmo, colocou os outros num patamar inferior, servindo-se deles e instrumentalizando-os para os seus interesses pessoais e megalómanos. Quando se insiste na humildade não se faz por parecer bonito ou para ficar bem na imagem, mas porque é a humildade – o reconhecimento que podemos aprender mais, ser melhores do que no dia anterior, saber que estamos a caminho e beneficiamos do conhecimento, do saber e das apetências dos outros – que permite avançar, construir.

A soberba e a sobrançeria têm conduzido à violência, aos conflitos, às guerras, à destruição de pessoas e de bens, para subjugar os outros, não os reconhecendo como iguais. Esta é também a urgência de reconhecermos que só Deus é Deus e que n'Ele somos iguais, somos irmãos.

Na primeira leitura, Sofonias desafia os mais pequenos a seguir o caminho da humildade e da justiça. *«Procurai o Senhor, vós todos os humildes da terra, que obedecéis aos seus mandamentos. Procurai a justiça, procurai a humildade; talvez encontreis proteção no dia da ira do Senhor. Só deixarei ficar no meio de ti um povo pobre e humilde, que buscará refúgio no nome do Senhor».*

5 – Com o salmista rezamos a nossa confiança no Senhor, nosso Deus. *«O Senhor faz justiça aos oprimidos, dá pão aos que têm fome e a liberdade aos cativos. / O Senhor ilumina os olhos dos cegos, o Senhor levanta os abatidos, o Senhor ama os justos. / O Senhor protege os peregrinos, ampara o órfão e a viúva e entrava o caminho aos pecadores».*

Em Jesus, o salmo ganha carne, um rosto, uma maneira nova, plena e definitiva de encarnar a ternura e o amor de Deus. Jesus é o Pobre por antonomásia, despojando-Se da onipotência divina para Se expor à nossa vontade, limitações e ao nosso pecado. Ele não força, entrega-Se. Nós podemos amá-l'O e segui-l'O ou rejeitá-l'O, persegui-l'O, destruí-l'O em nós, nos outros e no mundo. A máxima pobreza é consequência do amor pleno, sem reservas nem condições. Quem ama expõe-se ao outro, sujeita-se aos seus desejos e até caprichos, procurando em tudo fazê-lo feliz.

6 – Na segunda leitura, São Paulo recorda como Deus se serve de instrumentos frágeis.

As primeiras palavras de Bento XVI, depois de ser eleito Papa, foram: *"...Consola-me saber que o Senhor sabe trabalhar e agir também com instrumentos insuficientes. E, sobretudo, recomendo-me às vossas orações..."*.

O Apóstolo sublinha que diante de Deus somos iguais, pobres, frágeis e, conseqüentemente, nessa medida, seremos fortalecidos pelo poder e pela grandeza de Deus. *«Vede quem sois vós... Deus escolheu o que é louco aos olhos do mundo para confundir os sábios; escolheu o que é fraco, para confundir o forte; escolheu o que é vil e desprezível, o que nada vale aos olhos do mundo, para reduzir a nada aquilo que vale, a fim de que nenhuma criatura se possa gloriar diante de Deus. É por Ele que vós estais em Cristo Jesus, o qual Se tornou para nós sabedoria de Deus, justiça, santidade e redenção. Deste modo, conforme está escrito, 'quem se gloria deve gloriarse no Senhor'».*

Recordemos as palavras de Maria: a minha alma engrandece o Senhor. Como diria o então jovem teólogo, Joseph Ratzinger, não é Maria que engrandece o Senhor, mas é Maria que, pela sua humildade, permite que a grandeza de Deus se manifeste no mundo. Há de ser também esse o nosso compromisso, para que as nossas palavras e obras transpareçam a beleza e o amor de Deus.

Pe. Manuel Gonçalves

Textos para a Eucaristia (A): Sf 2, 3; 3, 12-13; Sl 145 (146); 1Cor 1, 26-31; Mt 5, 1-12a.